

Práticas discursivas em torno da construção e a fragilidade do Estado em Timor-Leste

Nuno Canas Mendes¹

O propósito deste artigo é analisar as práticas discursivas em torno dos conceitos de construção e fragilidade do Estado. De notar que nos interessa fixar o discurso enquanto representação da realidade e também enquanto instrumento de fixação de um conjunto de objectivos e interesses políticos e respectivos significados, aqui apresentados em fundo histórico e diacrónico.

Com efeito, a questão de Timor-Leste chamou sempre a atenção para a centralidade da fundação no Estado, na medida em que esse objectivo imbricava com o princípio da autodeterminação, com o pós-colonialismo e com o papel das organizações internacionais, das organizações não-governamentais e dos indivíduos, cuja acção, mais ou menos conjugada, redundou, com a ajuda conjuntural e a mudança de cenário estratégico nas relações internacionais, na alteração ao *status-quo* e na reunião das condições que, permitiram a independência formal do país.

Traços do discurso

Avancem-se os primeiros passos para traçar a evolução discursiva sobre a ideia de autodeterminação, independência e fundação do Estado. Numa observação genérica da realidade, dir-se-ia que nunca houve um optimismo muito acentuado em relação à criação de Timor-Leste. Quando, em 1974, foi anunciada a descolonização como um dos objectivos do novo regime em Portugal, a percepção geoestratégica e a avaliação das condições económicas apontavam para a impossibilidade da independência; a Indonésia, apoiada pelos EUA, e a Austrália, os vizinhos mais próximos, defendiam a anexação; em Portugal, embora se reconhecesse o direito à autodeterminação, existia, nalguns sectores, a convicção de que a elite local estaria insuficientemente preparada.

Esta percepção de incapacidade não era inteiramente nova: nos anos sessenta, como Moisés Silva Fernandes revelou, o futuro de Timor-Leste tinha sido traçado pelas quatro potências mais directamente envolvidas na área: EUA, Indonésia, Austrália e Reino Unido. Portugal não teve qualquer participação nas negociações. Na mesma década, a ideia de integrar o então Timor Português na Indonésia começou a ser anunciado no final da época de Sukarno (Agosto de 1965), na sequência de um movimento nacionalista de influência islamo-malaia (Fernandes, 2005; Fernandes, 2006).

Entre 1974 e 1975, o governo da Indonésia seguiu atentamente a evolução política e confirmou a ideia da reunião quadripartida mencionada acima: a absorção parecia inevitável. A Indonésia temia que a União Soviética ou da China, especialmente esta última último, pudesse apoiar a FRETILIN. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Adam Malik, no final de 1974, anunciava que a anexação parecia ser a única solução (apud Hoadley 1975, 9). Tudo não passava de uma questão de tempo.

Assim, o fantasma do fracasso está associado, desde o início, à ideia de fundação do Estado e, apesar do facto de que conjuntura internacional se ter alterado profundamente, o período de transição (1999-2002), continuou este debate. A reflexão sobre o modelo de administração das Nações Unidas, em especial o papel e as tarefas de "construção da nação" e "construção do Estado", sublinhou a importância de preocupações inteiramente novas: o relançamento da economia, do Estado de Direito, da confiança no desenvolvimento da sociedade civil, incluindo uma infinidade de questões como a estabilidade fiscal e macroeconómica, os salários dos funcionários públicos, emprego, tribunais com um funcionamento eficiente, fazer estradas e reparação de redes de telecomunicações, etc. Este desafio implicaria um grande investimento em recursos humanos e, principalmente, a continuidade da ajuda internacional (a qual não

¹ Instituto do Oriente, IS CSP-ULisboa. Uma versão mais desenvolvida e aprofundada do texto aqui apresentado será publicada na *Revista Crítica de Ciências Sociais*.

poderia ser tomado como garantida para sempre). A ONU, que nunca tinha tido um mandato de tamanha amplitude para administrar o território, com a trindade dos poderes, foi apresentada como tendo empreendido uma missão coroada de êxito. Durante a vigência da UNTAET, um significativo número de críticos oscilaram entre dois argumentos. Alguns deles sustentavam a incapacidade das Nações Unidas - por causa da sua estrutura e agenda -, no cumprimento das metas a que se comprometeu, assim como a incapacidade de adaptação ao terreno e de encontrar respostas adequadas. Os outros consideravam que o fim da UNTAET havia sido prematuro. Jarat Chopra foi talvez o mais proeminente dos críticos da actuação das Nações Unidas no Timor Leste, num artigo intitulado 'Building State-failure in Timor Leste' (2002), onde pinta um cenário muito sombrio, prevendo um fracasso do Estado em Timor Leste devido às práticas inadequadas na organização (Chopra 2002).

Robert Rotberg foi menos destrutivo, considerando que Timor Leste dependeria das injeções de capitais da comunidade internacional. No entanto, detectou vários sintomas potenciais de 'fracasso', evocando a suficiente *vontade política* e a *assistência externa dirigida*. Embora isto seja senso-comum, mas subsume a herança do liberalismo, de ascendência wilsoniana.

Os realistas tiveram voz num Howard J. Wiarda. Em 2002, defendeu que em Timor Leste se reuniam todas as condições para haver 'fracasso' (Wiarda 2002) e descreveu a situação com cores previsivelmente muito sombrias, antevendo que as forças da ONU e outros seriam susceptíveis de permanecer no país por muitos anos.

Durante a crise de 2006-2008, a questão levantada novamente. Começando com a contestação à Igreja Católica, seguida do episódio dos "Petitionários" e da crise no seio das Forças Armadas, a demissão de Mari Alkatiri, as eleições presidenciais e legislativas e depois das tentativas de assassinato de Ramos-Horta e Xanana Gusmão, todo o país pareceu mergulhar em tumulto. Os adivinhos voltaram; as tensões entre idealistas e realistas-liberais surgiram novamente. Algumas vozes foram cuidadosas: "Ainda que permaneça numa situação frágil, Timor-Leste não está à beira de um iminente implosão, nem merece o rótulo de Estado falhado. Os contornos internos da crise corroboram os estereótipos: instituições frágeis, problemas de segurança, as tensões sociais e étnicas, a pobreza. O prolongamento das missões das Nações Unidas (UNMISSET, UNMIT) e a intervenção de poderes bilaterais, com a Austrália à cabeça, para garantir um ambiente de segurança, vinham confirmar a fragilidade de toda a situação.

Este período 2006-2008 e o envolvimento crescente da Austrália, coexistia com uma manifestação de interesses por parte da China, cuja visibilidade se foi tornando cada vez maior, no estilo habitual da política externa chinesa (Mendes, 2009, 3ss). A dependência securitária em relação à Austrália e a crescente penetração económica chinesa tornavam o país num local de confluência e competição de interesses.

Em 2012, a realização de eleições, presidenciais e legislativas, e o anunciado fim da presença das Nações Unidas lançou um conjunto de novas interrogações, desta vez com a tónica numa situação sem precedentes, o fim da 'tutela' multilateral. Os dois anos decorridos desde então permitem fazer um balanço globalmente positivo, não obstante as inúmeras dificuldades recensadas para este 'arranque' mais autónomo. Mas este é um exercício que não cabe nos propósitos definidos para este artigo.

Observações finais

O choque entre liberalismo e realismo e a abordagem pós-moderna ficam bem patentes na análise da evolução do discurso em torno da construção do Estado e da Nação. O debate tem evoluído desde a perspectiva colonial até ao ambiente pós Guerra Fria em que a intervenção humanitária, a administração internacional e a alusão à ocorrência de "Estados falhados" se tornaram frequentes. O caso de Timor Leste é, com efeito, um bom caso de estudo para este debate. Por diferentes razões a Austrália e a Indonésia justificaram, preventivamente, as suas posições em nome de um potencial colapso do projectado Estado; Portugal oscilou entre a omissão e o cepticismo de duas ou três vozes. Mas, desta feita, o idealismo venceu, e, em 1999, a viabilidade da independência apareceu no horizonte. As Nações Unidas, na sua missão de construção do Estado foram acusadas de construir um Estado falhado e de terem prematuramente transferido a administração, mesmo que tenham continuado o seu trabalho de assistência nas missões sucessórias. Os desenvolvimentos mais recentes mostraram exaustivamente que, nos seus primeiros passos,

o jovem país contribuiu amplamente para a produção do discurso. *Eppur si muove*.

Referências bibliográficas

- Assembleia da República 2000, *Os 25 anos da «Questão de Timor-Leste» no Parlamento Português*, 3 vols, Lisboa: Assembleia da República.
- Chopra, Jarat 2002, 'Building State Failure in East Timor', *Development and Change*, 33(5): 979-1000.
- Eriksen, Stein Sundstól 2010, 'The Theory of Failure and the Failure of Theory: 'State Failure' in Theory and Practice', *Comparative Social Research* 27: 27-50.
- Fernandes, Moisés Silva 2005, 'A União da República de Timor: o atrofico movimento nacionalista islâmico-malaio timorense, 1960-1975', in Guedes, Armando Marques e Mendes, Nuno Canas (org.) *Ensaio sobre nacionalismos em Timor-Leste*, Lisboa: Instituto Diplomático – Ministério dos Negócios Estrangeiros.
- Fernandes, Moisés Silva 2006, 'O Timor Português na Política Externa de Suharto: o Regresso ao Status Quo Ante, 1965-1975', *Negócios Estrangeiros* 9(1): 272-338.
- Hoadley, Stephen J. 1975, *The Future of Portuguese Timor: Dilemmas and Opportunities*, Singapore: ISEAS.
- Jackson, Robert 1990, *Quasi-states: Sovereignty, International Relations and the Third World*, Cambridge, University of Cambridge.
- Jackson, Robert 2000, *The Global Covenant: Human Conduct in a World of States*, Oxford, Oxford University Press.
- Mendes, Nuno Canas 2011, 'The Dragon and the Crocodile: Chinese Interests in East Timor', *Portuguese Journal of International Affairs* 1: 3-11.
- Mendes, Nuno Canas 2005, 'Como Nasceu Timor-Leste?', Lisboa: CEPESA.
- Myrtilinen, Henri 2007, *Timor Leste - Um caleidoscópio de Conflitos, Notas de uma visita a Timor-Leste e Timor Ocidental*.
- Oxfam - <http://www.oxfam.org.au/media/article.php?id=66>.
- Rotberg, Robert I. 2002, 'Failed States in a World of Terror', *Foreign Affairs*, 81 (4): 127-140.
- Rotberg, Robert I. 2004, 'The Failure and Collapse of Nation-States: Breakdown, Prevention and Repair', in Rotberg, Robert (ed.) *Why States Fail? Causes and Consequences*, Princeton, 1-45.
- Way, Wendy, Browne, Damien, Johnson, Vivianne Johnson 2000, *Australia and The Indonesian Incorporation of Portuguese Timor 1974-1976*, Australia, Department of Foreign Affairs and Trade.
- Wiarda, Howard J. 2002, *The Legacy of Portuguese Rule in Asia: Reasserting Influence in the Post-Colonial Era*, Lisboa: CEPESA.